

A SAUDADE DA EXISTÊNCIA EM EDUARDO PONDAL¹

Luís G. Soto

PRELIMINARES, COORDENADAS

Antes de entrar em matéria (Soto 2019, em especial, pp. 123-145), quereria esclarecer que emprego o rótulo “saudade da existência” como denominação de um tipo de saudade que aparece no livro *Queixumes dos pinos* (QP) de Eduardo Pondal, publicado na Corunha em 1886 (Pondal 2016).²

Não estou, pois, a ligar a saudade, nem essa saudade da existência, com o existencialismo, como por outra parte tem sido habitual, nomeadamente com o pensamento de Heidegger e também, em alguma medida, de Sartre. E também não estou a referir-me à saudade metafísica na linha de Piñeiro (1984) e de Torres Queiruga (2003). Falarei de uma saudade empírica, a que aparece numa obra literária, QP, na qual, sem descartarmos influências (Carballo 2020, pp. 313-333) e nomeadamente de Camões (Carvalho 1992, pp. 69-71), Pondal explora e incorpora o acervo popular iletrado galego, o seu potencial contido na língua e a cultura galegas.

A saudade é objeto de um tratamento extenso e intenso e uma elaboração cuidadosa e pormenorizada em QP. Assim, sem esquecer as formulações implícitas, não está demais lembrar as presenças explícitas, indicando o número do poema: suidades (1, 5, 13, 14, 18, 21, 31, 63, 65, 90), suidoso (90), suidosos (30, 78), saudosa (25), saudosos (20), melancolia (35, 39), melancólico (16, 30), nostalgia (18).³

Ora, em QP, o que é a saudade? Como é que aparece? Como um sentimento e, ao mesmo tempo, como uma mensagem. É um sentimento, sentir algo, que se verte em pensamento: pensar em algo ou, mormente, alguém. Este pensamento engloba, no presente, passado e futuro: compreende recorde e propósito, lembrança e desejo.

¹ IHUS, USC. Projeto Investigação. PID2022-142980NB-I00.

² Também: Pondal 1995. Em português: Pondal 1996.

³ O número corresponde à posição do poema na edição original (Pondal 2016). É uma numeração habitual (Pondal 1995), que também aparece em português, mas em números romanos (Pondal 1996).



A saudade vincula um sujeito, normalmente um indivíduo, com algum objeto, normalmente outro sujeito, individual ou coletivo. Esse outro sujeito, o objeto, funciona como um co-sujeito: quem conhece a saudade dirige uma mensagem, pelo menos virtual, ao objeto, cabendo esperar uma resposta.

Em QP, sentem saudades case sempre indivíduos, homens ou mulheres: um bergantiñán, calquer bergantiñán, um bardo, uma bergantiñá, Gundar, Rentar, uma fada, um estudante, uma emigrante, Lugar, Maymendos, um caminhante, etc.⁴ Exceccionalmente, também a natureza, como um cabo ou, exemplarmente, as andorinhas.

As saudades, experimentadas por indivíduos, têm por objeto outros indivíduos ora formando sujeitos coletivos, como a terra ou a pátria, ora tomados como sujeitos singulares, um outro, como o amor, ou si próprio como existente ou existência. O espaço e o tempo, como dimensões básicas para a existência e desenvolvimento da subjetividade e das coletividades, fazem parte de todas essas saudades.

Vamos, pois, agora, ao nosso tema: a saudade da existência

SAUDADES INDEFINIDAS: SAUDADE DA PÁTRIA E MAIS: SAUDADE DA EXISTÊNCIA

As “mil suidades fundas” (5)⁵, que conhecem os “bardos” (5), possuem várias raízes e apontam em várias direções. Umas são as relativas à terra e/ou pátria. Mas há outras. Acharo-las em formulação explícita em alguns poemas (16, 35, 39, 63, 65) e em forma implícita noutros poemas, ora relacionados com esses (16, 35, 39, 63, 65) ora relacionados com os outros acerca da saudade (1, etc.).

Estas outras saudades são, mormente, atribuídas aos bardos. Mas, como a saudade da terra e/ou da pátria, podem ser experimentadas por qualquer outro sujeito, sem o rol e/ou o status dos bardos. São saudades essenciais-existenciais.

No poema (5), a saudade que padece o bardo, “mil suidades fundas”, permanece indefinida. No especto volitivo, desiderativo e propositivo, estas “suidades” parecem ter por objeto a pátria: “pensamentos insones, turbulenta ambição, propósitos de ferro” (5). Mas, no aspeto cognitivo, recordatório ou memorial, o objeto parece o próprio sujeito, o eu voltado sobre si, a indefinição, a definição quicá impossível, da sua identidade e entidade: “escuro enigma eu são” (5).

O bardo não consegue resolver a impressão confusa, entre o “medo” e a “compaixão”, que causa a uma “singela rapazita”. Esta não alcança a colocá-lo,

⁴ Deixo em galego os nomes de pessoas, os gentílicos e os próprios de lugares.

⁵ Adapto, para português, o original galego. Na verdade, são muito pequenas adaptações: por exemplo, “fondas” > “fundas”.



não lhe acha posto nem sítio, na sociedade e associa-o com formas e ações da natureza: “parece um pino leixado do vento, parece deitado do mar de Niñóns” (5). Para ela, o bardo não possui identidade, nem pessoal nem social: é, ao sumo, identificável como um marginal da sociedade (“malvado”, “minguado”, i.e., louco, “ladrão”) ou como uma emergência da natureza (“um pino leixado do vento” e “deitado do mar”).

E o bardo não consegue resolver essa incógnita, porque, de facto, não cumpre nenhum rol nem possui nenhum status: “sonha” e “vaga”. Essa é a “condição” dos bardos: serem “sonhadores e vagos” (5). Portanto, sem trabalho e sem propriedade, não é ninguém, não é nada: nem faz nada (valioso) nem possui nada (valioso). Por isso, e em consequência, a sua palavra, dita (e talvez escrita), não vale nada. Daí, a incomunicação com a “singela rapazita” (5).

O bardo, que se apresenta como “jeroglífico ousado”, não resolve o seu “enigma”, nem ante a “rapazita”, nem ante si próprio. A ignorância e a impotência são-lhe consubstanciais: “ignoto a mim mesmo”, “não me” conheço, “vagante vou”, “o meu abandono” (5). Tem consciência da ignorância de si e a impotência de seu: é “sapiente” (5). E tem vontade contra a ignorância de si e a impotência de seu: “pensamentos”, “propósitos” (5).

As “mil suidades fundas” guardam relação com a consciência dessa ignorância e essa impotência, e a vontade de as enfrentar. De as superar? Impossível, porque se trata da ignorância e a impotência, do indivíduo e o ser humano, a respeito da natureza. A natureza? Sim, pois é a natureza o que conforma, para a “rapazita”, para as “boas gentes” e até para si próprio, a imagem e a entidade do bardo: “pino leixado do vento”, “deitado do mar” (5). Anotemos à margem que, em QP, a natureza é substância perecível e corrosiva, sustentáculo inquietante: “Não pergunteis por que causa, o fero mar desfigura, com o eterno e duro combate, de Nariga a ruda ponta” (87). Ora bem, voltando ao poema (5), trata-se simplesmente de se defender, a si próprio, em relação e associação com os demais.

O “jeroglífico ousado” não é apenas uma expressão de si, mas também uma proposta (de interpretação e aplicação) feita aos outros: a “rapazita”, as “boas gentes” (5). Ora, essa relação e associação não é necessariamente política, nem pressupõe o contexto político: pode ser só ética e esta dar-se em contextos adversos. Por outras palavras, a saída, a direção a que aponta esta saudade essencial-existencial, não é só a terra ou a pátria.

SAUDADE DO FUTURO:

VIDA INSIGNIFICANTE, SENTIDO ESCATOLÓGICO

A experiência da clausura do presente, pode levar a uma procura de uma projeção escatológica, que transcenda a morte, no porvir: eis a saudade do futuro.



No poema (16) assiste-se aos últimos passos e o falecimento de um bardo. Que é um bardo, indica-o o “melancólico instrumento”, “amigo e soador”⁶, de que se acompanha (16). Mas, poderia tratar de um indivíduo marginal, marginalizado e fugitivo pela sua “terra”, “esquiva e dura”, e pelo seu tempo, um século “escuro”, uma idade “de ferro” (16).

O interessante é a perspectiva de quem, como o escritor e quem ler QP, contempla o acontecimento, o decesso, e conclui: “e cruza acaso um homem passageiro, e o sepulta, e pranto não lhe nega” (16). Sepultura e pranto: o insignificante adquire sentido, para “um homem passageiro”. Uma vida não significativa, que não tem inserção na sua “terra” nem no seu século, adquire sentido na morte: “na grande ruína”, o morto, é semelhante a “luzeiro apagado” (16). Essa luz, invisível (ou quiçá insuportável) em vida, é perceptível no morto: no rasto deixado ao se extinguir.

Assim é satisfeito, no memorial e pela memória, o voto de permanência e o desejo de sentido formulados por Gundar (14) e outro “cantor” (58). Se adotarmos a perspectiva destes, de Gundar (14) e do “cantor” (58), atribuível também ao “gladiador moribundo” e a seguir “luzeiro apagado” (16), descobrimos outra saudade: a saudade do futuro.

SAUDADE DO FUTURO: A VIDA DOS OUTROS, A HISTÓRIA

A saudade do futuro pode solapar-se com a saudade da pátria, pois a aposta pessoal pode ser no futuro da pátria. Assim acontece com Gundar (14) e o “cantor” (58): a sua vida sem eles, depois de mortos, é o hipotético futuro da pátria.

Esse horizonte pode, mas não deve, ocultar a perspectiva que abre a previsão da morte: a vida (futura) sem si (sem o morto). Esta perspectiva, por não aparecer ligada ao destino pátrio, é perceptível no “sublime e vago” (16), mais do que em Gundar e no “cantor”. Eis a saudade do futuro: pressentir e pensar a ausência de si no futuro, almejar e pensar uma presença, uma inscrição, no futuro, na vida não de si, mas dos outros. Compreende um duplo movimento: viver a morte, por antecipado, no presente; projetar o presente, a vida, no futuro. Esta saudade nasce de descobrir — experimentar — a clausura do presente e leva a procurar uma projeção escatológica no futuro.

Essa projeção pode ser imediata, nímia e breve: o “pranto” (16), talvez renovado por outros em vista da sepultura. Ou pode ser a “memória”, próxima e dos próximos, como o “marinheiro” (58), ou prolongada e extensa, dos “homens” (14). Essas projeções, as saudades do futuro, tentam resolver dois dramas presentes: a insignificância e a insubstancialidade de si. A solução vislumbrada é a obtenção de sentido, na vida futura de outros, apesar do desaparecimento de si. É, imaginária e hipoteticamente, resolvida a insignificância, mas é confirmada a insubstancialidade.

⁶ “Soador”: derivado de “soar”: que soa.



SAUDADE DO FUTURO: A VIDA DA NATUREZA

Além da pegada (16) e a inscrição (58) na cultura ou na história (14), é contemplada a repercussão na natureza, nomeadamente nas andorinhas. Estas são, lembremos, aves saudosas, portadoras de saudades de amor (19) e da pátria (19, 23) que lembram a quem as vir ou as ouvir e que elas mesmas sofrem. Numa série de poemas (7, 63, 69, 88), é registada — prevista, antecipada — a visita estacional das andorinhas após a morte do bardo: a sua chegada (7), a percepção da ausência e as “suidades” (63), a constatação do desaparecimento (69, 88) e a “partida” (88).

Cumprindo os seus ciclos migratórios, “como costumam” (7, 88) e “qual sempre soem” (63), as amáveis “e doces andorinhas” (7), as “leves e graciosas vagamundas” (63), as “peregrinas” (88), desde as “africanas praias” (7, 88) ou desde as “quentes praias” (63), “retornarão” (7, 63) e “perguntarão” (69) pelo “bardo” (7, 63) dos “servos e hilotas” (69).

Primeiro, os “corutos” (e os pinheiros), “sabedores dos seus destinos”, i.e., da morte do bardo, “nada dirão” (7). Depois, as andorinhas, “indo e voltando, voltas darão” e, “qual quem doces suidades sente”, “do instrumento nos formosos cornos”, i.e., na harpa do bardo, “se pousarão” (63). As andorinhas acham a faltar o “bardo” e o seu canto, identificados ambos pelo “instrumento” musical com que se acompanhava e que o acompanhava. A seguir, “as brisas” da “Barra”, fazendo soar o instrumento do bardo, “responderão” : “com um profundo e comprido gemido suspirando nas cordas de ferro” (69). É confirmada a ausência do bardo, procurado pelas andorinhas, a olhar desde o alto, no “doce eido” e no “lar escuro” (69). Finalmente, é comprovado o carácter definitivo da ausência registada: as “peregrinas”, que ao “lar amado virão um dia”, “verão a casa” morando-a “gentes estranhas, hirtas e esquivas” (88). E então, “com pungidas lembranças”, elas “emprenderão triste partida” (88).

A ausência do bardo e a sua ação, o canto, é notada pelas andorinhas. As hipotéticas “suidades”, em data futura, destas “vagamundas” (63) são a resposta à saudade do futuro, no momento presente, do bardo. Essa antecipação, desses acontecimentos e dessas “suidades”, é a forma de viver no tempo presente o que não será vivido, o que não poderá ser vivido, na época futura. É também a forma de inscrever, ou ao menos atirar, um rasto ou um resto de si no futuro: na vida sem si e dos outros. Mas, agora, trata-se da vida da natureza. A inscrição, de havê-la, é em negativo: uma des-inscrição. O cantor e o canto que recolhe e traduz os queixumes dos pinheiros (91), e também o cantar e o voar das andorinhas (19, 23), retornam à natureza: passam a fazer parte do pio e o voo das andorinhas. A pessoa e a obra do bardo, deixam alguma pegada no “doce eido” e o “lar escuro” (69), até na “casa” (88), nas “gentes estranhas, hirtas e esquivas”



(88)? Não o parece. Persiste apenas a natureza e nela, nas voltas e cantos das andorinhas, perde-se o rasto humano. Eventualmente, essas voltas e cantos poderão ser percebidos e interpretados por algum ser humano.

SAUDADE DO NADA: ANULAÇÃO, DISSOLUÇÃO

A saudade do futuro é uma maneira de viver no presente o tempo que escasseia ou de que se carece no futuro e prolongá-lo fazendo projeções no futuro. Mas, quando o futuro não é a vida dos outros, senão a vida da natureza, como achamos na série de poemas sobre a ausência e desapareição do “bardo” sentida pelas “andorinhas” (7, 63, 69, 88), a saudade do futuro guarda semelhança com a saudade do nada (64).

Na projeção e inscrição na cultura (16) e na história (14, 58), há uma persistência dos restos, a sepultura (14, 16, 58), e do rasto, mais ou menos reconhecível na “memória” (14), pelo “pranto” (16) ou pelo “marinheiro” (58). No entanto, na inscrição na natureza, na história natural das árvores e nomeadamente das aves, dá-se uma dissolução: a ausência torna-se desapareição. Ou seja, esquecimento. A consciência desse esquecimento futuro poderia dar lugar a uma vontade de esquecimento de si: eis a saudade do nada. O esquecimento futuro retira sentido aos trabalhos presentes, mas, com isso, também poderia libertar deles. De facto, a dureza do “trabalho” e o “caminho” torna desejável, e desejado, o “olvido” de si mesmo (14). Este desejo é bem patente no poema (64).

Como no poema (14), no (64) a demanda de anulação surge como paliativo do sofrimento. Um sujeito, em primeira pessoa, solicita a sua anulação como pessoa a um “ser oculto e imortal”, que deu “som aos pinos”, “cores” à manhã e o “roldar” aos “ventos” (64). Este “ser oculto e imortal”, qualificado também como “radioso e forte”, poderia referir-se a Deus ou à natureza. Parece mais a natureza, pelo contido do pedido, que não é um acesso à transcendência, senão uma dissolução na imanência, do sujeito “eu” na natureza: “converte-me” numa “cousa” insensível, “num facho”, “funde-me qual penedo no profundo do mar” (64).⁷ Por outra parte, de modo similar, o “fulgente Sírius”, um astro, é qualificado como “radioso e imortal” (66). A interpelada parece, pois, a natureza.

O pedido é a libertação do “trabalho”, consistente em “não poder olvidar” (64). Pela sua vez, a libertação consistiria em não poder “recordar”, anular este “trabalho”, a tarefa de lembrar, em direção ao passado e ao futuro: “varre-me da memória este sonhar audaz”, “arranca-me da alma o imaginar lançal” (64).⁷ Trata-se, pois, de um desejo de anulação da consciência e da vontade: uma dissolução (“funde-me”) na natureza. O pedido não é uma fusão com a natureza, nem

⁷ Lançal: derivado de lança.



em concreto (“esta praia”) nem em geral. É uma dissolução na natureza ou, mas exatamente, no ignoto e o indiferente: “leva-me” nas “asas” de um furacão, “longe, muito longe desta praia” (64). O desejado pelo sujeito é a sua anulação como tal, como ente dotado de consciência e vontade: uma remissão, ou um retorno, ao não consciente e ao não volente.

Saudade do nada... ou saudade do ser? Saudade de ser na natureza, que para o sujeito humano, um “eu” consciente e desejante, é não ser nada.

SAUDADE DO SER: ESPERAR OUTRA VIDA?

Ora bem, habitualmente em QP, a saudade vai, não no sentido do nada, mas no sentido do ser: de recuperar, conservar e potenciar o ser, seja na saudade do futuro ou na saudade do passado. E, há uma saudade do ser, em absoluto? Talvez. É sugerida numa ocasião, a propósito da “fada garrida de leves asas” (51).

A “fada garrida” é qualificada como “celestes reminiscência” e “presságio de outra existência” (51). Reminiscência “de outra vida que passei já” e presságio de outra existência “q’ ainda virá” (51). Saudade do céu? Talvez.

Mas, talvez não. Ambas as qualificações, a reminiscência e o presságio, são postas em suspenso, em ambos os casos, por “quiza” (51). Essas outra vida e outra existência parecem, ademais, outras possíveis da pátria, que a fada evoca, e do amor, que a fada motiva. De facto, o desfecho almejado é um rapto amoroso, a mãos da fada: “detém um pouco, na escura terra, o teu gracioso passo fugaz” e “m’ apertando, dos teus garridos, graciosos” véus “de ledro tule, nos perderemos, da cintura⁸ colhidos, dos pátrios céus no brando azul” (51). Indica este desejo um lugar e um tempo além do espaço e da temporalidade? Parece, mais, o não-lugar e o não-tempo que o amor pode instaurar nos espaços e as durações humanas.

SAUDADE DO PASSADO: GRAVAR NOMES

A saudade do passado, como a do futuro, apresenta-se solapada com a da pátria. Além dos poemas comentados, relativos à saudade da pátria, há algumas menções implícitas interessantes, como as lembranças de Lugar (37) e de Maymendos (43). As de Lugar são mais naturalistas; as de Maymendos, mais históricas. Diferente, mas destacável como exemplar de saudade do passado, é o “canto” da “fada Rouriz” (26).

Ao “pé dos valados q’ há nos Casás de Nemiña”, “cantava a fada Rouriz cousas do tempo passado” (26). Desta vez, o tempo passado é o da adolescência de Pondal (“Pon...al”) e o dos “rapazetes rebertes”,⁹ os seus colegas, outrora em Nemiña.

⁸ Pondal diz “van”, que é a “cintura”.

⁹ Rapazetes “rebertes”: meninos “travessos”.



Rouriz contrapõe passado e presente: as crianças que “soíam alegrar” Ne-miña, e “estes lugares q’ agora” estão “tristes”; os “rapazes” “tão livres com’ os corvos”, e “estes lugares q’ agora” estão “sós” (26). Rouriz reafirma a lembrança, “nunca se m’esquecerão” e “nunca me sairão da memória”, e promete gravar, “hei de gravar”, os seus “nomes” nas “c’lunas do meu p’lácio, que baixo da terra está” (26). Como um adolescente nas árvores ou nas paredes, grava os “nomes” nas colunas do seu palácio: “baixo da terra”, o que indica a sua invisibilidade e a sua manifestação pelo canto. Os nomes ficam como indício, invisível, do que Rouriz rememora e salienta: a alegria e a liberdade.

SAUDADE DO PASSADO: RECORDAR O PASSADO, REJEITAR O FUTURO

No poema (37), Lugar, um “bardo”, “depois de comprida ausência” voltou ao “ninho” “nativo” e dialoga com os “castanhos de Dormea”, semelhantes aos “celtas nossos antigos”.

À margem dessa referência histórica, Lugar compara a sua existência com a dos “castanhos” em termos naturalistas. Foram iguais no passado, “quando juntos nos criamos”: a “vossa ainda curta sombra n’ era grande, que menino dava eu tanta como vós” (37). São semelhantes no presente, “depois do bom tempo ido, juntos voltamos a ver-nos”: na “nossa velhice” (37). E serão diferentes no futuro, aguardam diferente “destino”: às árvores, com o “novo estio”, “voltará” o “nobre esplendor perdido”; no entanto, à “cabeça do bardo”, com a “alegre Primavera”, “não volta o verdor antigo”, “nem retorna” ao “coração o doce amor” ido (37).

Para Lugar, o que houve no passado, e já não há no presente, o “verdor” e o “amor”, não é recuperável no futuro. Este mesmo, o futuro, é um tempo duas vezes perdido: por precário (sem “amor”, com “pesar”) e por escasso (já na “velhice”, sem novo “verdor”). Rejeição do futuro e saudade do passado: os bens perdidos, o “verdor antigo” e o amor ido, que não podem ser repostos, só lembrados, no presente.

SAUDADE DO PASSADO: CONSERVAR O PASSADO, APOSTAR NO FUTURO

No poema (43), a “doce Maymendos”¹⁰ contempla, “desde longe”, e canta, ao “som d’ harpa”, o “Castro Nemenzo”, “amigo dos celtas” e semelhante a “um celta”. A visão do “castro” produz uma sensação indefinida: “eu não sei por que na alma o que sinto não compreendo” (43). Talvez se trate da interpelação subjetiva, a pegada no sujeito, causada pela emergência da história, pela presença do castro.

Perante a irrupção do passado, a “formosura” do castro, Maymendos aposta no futuro: que o “tempo” respeite essa “formosura” e que o castro conserve o selo

¹⁰ “Maymendos” seria uma mulher bardo.



“dos fortes” e seja “doce lembrança” (43). Deverá funcionar como operador de reconhecimento histórico e ensambagem de passado, presente e futuro: “aqueles que ainda virão” povoar o “nosso eido” “chamarão”, então, “passado tempo antigo” aquilo que agora é “o nosso tempo”, i.e., o tempo antigo, a idade dos castros, e o tempo passado, a época de Maymendos (43). A saudade do passado vira em saudade do futuro: conservação do passado e recolocação no futuro.

SAUDADE INDEFINIDA:

SAUDADE DA TERRA E MAIS: SAUDADE DA EXISTÊNCIA

No poema (21), uma mulher ilustra a saudade da terra (Soto, 2019, pp. 160-164). Desta vez, não há transição à saudade da pátria (como em 12 e 18) ou à saudade do amor (18). Mas agora a saudade da terra emerge com outra: uma saudade indefinida: “não sei se sinto suidades” (21). Mas, aginha se esclarece: a reação ante o “rio Langüelle”, expressa por uma mulher, é saudade da “terra”, Troitosende, de onde ela procede, onde “m’ eu criara” (21). E onde ela, agora mulher, deseja retornar: pede aos ares de “Troitosende”: “levad’ esta filha vossa”, levai-a de “esta terra estranha” (21). Como se produziu esse estranhamento, essa deslocalização, esse desterro? Desta vez, não é indicada a causa (casamento em 12 ou trabalho em 18), mas cabe supor que é outra vez a necessidade. E o deslocamento, a partida havida e o retorno desejado, é dentro da Galiza: Langüelle-Troitosende.

O poema (21) regista o parlamento, os reproches, que uma “filha” de Troitosende dirige ao “rio Langüelle”. Estes reproches recolhem o mal-estar dela e o seu desejo de retorno a Troitosende, cujos ares invoca. Este desejo surge por contraste e por oposição à rejeição que lhe causa o rio Langüelle, “feio filho” das brêtemas e “das urzes desleiradas” (21).¹¹ O rio não funciona como um espelho, uma superfície refletidora que devolveria a imagem da mulher, senão como uma sorte de tela, uma superfície em que aparece uma imagem rejeitante: quando se olha para o rio, este “põe má cara” (21). Não permite a identificação, senão que produz um estranhamento: a sensação e a consciência de estar “demais” (21).

Mas, além de rejeitar, o rio furta-se ao olhar: “pareces, Langüelle, um lobo, que, por não ver gente, escapa” (21). Significativamente, o rio não nega a sua água, mas “uma sede d’água” (21): ou seja, não propicia a sede, não desperta o desejo de beber. A paisagem é de solidão: montanha, brêtema, “urzes desleiradas” (e “altas”), sem outra vegetação, sem “flores”, e sem quase animais, umas “ribeiras” “bem sós”, onde no “meio do verão só se vê pousada a garça” (21). Em suma, o rio produz um estranhamento que é um confinamento na solidão, numa dupla solidão: a solidão de si, na solidão circundante.

¹¹ “Desleiradas”: em terreno ermo, solitário, inculto.



A solidão circundante confina, não porque encerre ela mesma, senão porque reenvia a mulher, a “filha” de “Troitosende”, a si própria e exerce sobre ela uma rejeição, traduzida na consciência de “estar demais” (cf. Sartre 1974, p. 181). O rio Langüelle, essa paisagem, essa terra, é limitante, porque não permite a projeção, a expansão ou realização do sujeito. Torna a “filha” de “Troitosende” consciente de si e, ao mesmo tempo, anula a sua ação: só “sei que estou demais” (21). A autoconsciência é acompanhada por uma vontade de fuga, de regresso: à sua “terra”, a Troitosende. A autoconsciência leva ao reconhecimento do passado (onde “m’ eu criara”) como opção de futuro (“os rios da minha terra”) e rejeição do presente, o rio Langüelle: “feito filho” das brêtemas “e das urzes desleiradas!” (21).

Pode ser essa vontade de regresso à “terra” uma regressão ao passado? Poderia ser e estar motivada pelo desassossego produzido pela autoconsciência: “estou demais”. No entanto, pode tratar-se também de uma reação não regressiva. Como não é uma resposta regressiva a da bergantiñá (12) nem a de Rentar (18). Nesta, a vontade reafirmada de “não esquecimento” pode ter outros frutos que o regresso. E também não são regressivas as hipotéticas reações do “bom bergantiñán” (1) e o “sonoroso” (90): a recuperação do passado seria “sinal” (1, 90) para a ação presente.

Nesta outra situação, no poema (21), no contexto da solidão, revela-se a insignificância e a vulnerabilidade do sujeito: a mulher fica reduzida a consciência de si, da sua própria solidão, e vontade de restabelecer a sua sociedade, como “filha” de “Troitosende”. A saudade da terra vem em auxílio de outra saudade: a saudade da existência, a consciência da insignificância e a fragilidade de si e a vontade de superar essa anulação e mitigar a vulnerabilidade restabelecendo, ou fazendo, nexos com os outros. Note-se que o poema (18) também regista um estado de fragilidade: a doença, a convalescença, de Rentar. Mas aí não é posta a saudade da existência.

A saudade da existência surge, aqui (21), como uma experiência da ausência de si própria numa vacuidade circundante, a solidão exterior. Neste caso, essa ausência de si parece ligada, exclusivamente ou quase, à experiência da solidão exterior, a “terra estranha”. A redução de si à autoconsciência, e esta a consciência da ausência, implica experiência da insignificância e a fragilidade, mas não de nulidade ou anulação (nem hipotéticas). O que sofre a filha de Troitosende é uma experiência da exclusão, próxima da anulação, porque a exclusão é operada pela vacuidade circundante. Contudo, é uma exclusão remediável pela presença, a re-inclusão na “terra” de Troitosende, mesmo só e já pela representação, a experimentação e manifestação, do desejo de retorno: ares de Troitosende, “levad’ esta filha vossa” (21). A consciência de si transforma-se em vontade de seu: o “sei que estou demais” (aqui, ante o Langüelle) em querer estar algures (lá, em Troitosende).

De uma maneira explícita, neste poema (21), a saudade surge como uma reação à solidão. Nos outros (12, 18), podia subentender-se a existência de uma



solidão entre gente, apesar do casamento (12) e da convivência (18). Mas, a saudade surgia, na bergantiñá (12) e em Rentar (18), por estarem ausentes da “terra”. A “filha” de Troitosende também está ausente da sua “terra”: porém, experimenta as “suidades” ao perceber a sua presença, “estou demais”, na solidão circundante: a intempérie, a vacuidade. Note-se que é uma presença, estar demais, que prefigura ausência: não estar. A “filha” inverte essa ausência em presença desejada e futura: regresso a Troitosende. A saudade afasta da solidão e leva-a em pós da sociedade. Mas ela, essa mulher, na consciência da solidão e a vacuidade, também podia ter transitado de si ao nada, à sua própria solidão e vacuidade: exatamente, à insignificância e à anulação.

A MODO DE CONCLUSÃO

Afinal, depois deste percurso pela saudade da existência, encontramos as temáticas descartadas no início e mais: a possível vinculação desta saudade com o existencialismo, de facto citamos Sartre (1974), e com as saudades metafísicas nos termos de Piñeiro (1984) e de Torres Queiruga (2003) e, ainda, além (Braz Teixeira 2024). É apenas uma mostra da complexidade que desvenda e desata esta reflexão sobre a saudade da existência (e algo mais) através de QP (Pondal 2016).

Por isso, ao chegarmos aqui, antes que concluir, o que procederia é continuar (Soto 2024).

REFERÊNCIAS

- Braz Teixeira, António (2024), *A filosofia da saudade (2ª edição, revista e aumentada)*, Lisboa: MIL e DG edições.
- Carballo Calero, Ricardo (1981, 2020), *Historia da literatura galega contemporánea*, Vigo: Galaxia.
- Carvalho Calero, Ricardo (1992), *Umha voz na Galiza*, Santiago de Compostela: Sotelo Blanco.
- Piñeiro, Ramón (1984), *Filosofía da saudade*, Vigo: Galaxia.
- Pondal, Eduardo (1886, 2016), *Queixumes dos pinos*, A Coruña: La Voz de Galicia.
- Pondal, Eduardo (1995), *Poesía galega completa I. Queixumes dos pinos*, Edición de Manuel Ferreiro, Santiago de Compostela: Sotelo Blanco.
- Pondal, Eduardo (1996), *Queixumes dos Pinheiros e Outros Poemas*, Edição de Ângelo Brea, Pontevedra-Braga: Cadernos do Povo.
- Sartre, Jean-Paul (1938, 1974), *La nausée*, Paris: Gallimard.
- Soto, Luís G. (2019), *Outros e novos queixumes. De filosofia e literatura en Queixumes dos pinos de Eduardo Pondal*, Santiago de Compostela: USC-Editora.
- Soto, Luís G. (2024), “Badaladas, queixumes, saudades”, pp. 133-147, in VV.AA., *Dun poema as ardentes estrofas. Visións arredor da obra de Eduardo Pondal*, Carballo (A Coruña): Espiral Maior.
- Torres Queiruga, Andrés (2003), *Para unha filosofía da saudade*, Traslaba (Ourense): Fundación Otero Pedrayo.

